

Marcha a ré

Astrid Cabral

Prossegue o jogo
mas já de cartas marcadas
a ferro e fogo
Afonso Félix de Sousa

Eram muitos os caminhos
imenso o mapa na mesa.
A força de marés e ventos
patrimônio no comando
de canoas, lanchas, navios.
Aonde ir? nó a desmanchar.

Muitos homens cobiçavam
praias e bocas de teu corpo
e o coração gangorrava
em selvagem contradança
paixões a pino, vertigens.
Meu Deus, quem escolher?

Eram muitas as crianças
mudas no escuro da lua
a pedir ventre, leite, colo.
Geravam o teu remorso
à ternura rejeitada.
Ai desperdício de sangue!

Eram múltiplas as tarefas
ao alcance de mãos ávidas.
Segredos em desafio
de cócegas nos teus dedos.
Muitos apelos a sacudir
a carne e berrar no ouvido.

Teus pés na bacia do mundo
não no sufoco de um poço.

O perigo se amoitava
nas bordas de ampla cratera
aberta em perspectivas
roçando esfacelamento.

Não sabes. Algum vendaval?

Foste parar no gargalo
de um funil, exilada do
excessivo anil do céu.

São tão próximas as paredes
que em vão tentas abrir braços.

O que se expandia em diáspora
retorna em fiel convergência.

Teu passado então refluí
arrematando fios e fiapos
da cauda que arrastaste
por degraus e ruas perdidas.

Já se vislumbra o caminho
buscado outrora entre brumas.

Reina augusta calmaria.

A rotina te engessou.

Viraste estátua de sal.

Tudo definido e único.